

Lamartine e seu simulacro brasileiro: Carlos Sussekind e o Diário íntimo.

Regina Salgado Campos (USP)

Curioso como os pais, depois de velhos, perdem a autoridade e se fazem caudatários dos filhos. Quem foi que já pensou nos que “orientam” a mim e à Emília? Acho que Renan e Lamartine (não este aqui de casa, mas o legítimo, o Lamartine propriamente dito) simbolizam bem... (Diário do Dr. Espártaco in *Armadilha para Lamartine*, p. 154).

O consagrado romance assinado por Carlos & Carlos Sussekind, *Armadilha para Lamartine*, de 1975¹, ensejou várias leituras, várias análises. Entre elas, a de Sérgio Barcellos que defendeu na PUC-Rio seu mestrado sobre esse autor, publicado em 2006 como *Armadilhas para a narrativa – Estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind*². Por ocasião de um estágio de aperfeiçoamento lingüístico na França, uma das atividades de que Sérgio Barcellos participou foi a visita à casa do poeta Lamartine. Lá tomou conhecimento da existência do Diário da mãe do francês por ele publicado: *Manuscrit de ma mère*. Falou-nos sobre ele. Eu não conhecia o texto e foi a partir dessa indicação que se instaurou a curiosidade. Este é o resultado das leituras que se seguiram.

Para mim, o que sempre me interessou foi a presença do pretenso Diário íntimo do pai co-autor, um dos Carlos Sussekind indicados na capa do livro. Lamartine é a personagem, em torno da qual gira o Diário do pai Espártaco. Mas quem seria Lamartine contra quem é montada essa armadilha? Penso que talvez seja o próprio leitor enganado já na segunda página. O livro se inicia com a apresentação formal da divisão do texto em duas partes: a) O “Diário da Varandola-Gabinete”; b) As “Duas Mensagens do Pavilhão dos Tranqüilos”. À página seguinte, surpreendentemente, passa-se às mensagens. A partir da página 31, temos então o “Diário da Varandola-Gabinete”, atribuído a Espártaco M., pai do protagonista, e centra-se no período compreendido entre outubro de 1954 e agosto de 1955, ou seja, entre a saída de casa do filho Lamartine para morar com amigos, culminando com sua internação numa clínica, em razão do surto psicótico que o acomete, e por último o fim da internação e a volta da convivência na casa paterna. Na clínica, os internos mantêm um jornal *O Ataque* que antes da chegada de Lamartine publicava letras de músicas antigas brasileiras e desenhos do Ilustrador. Depois, a partir de determinado momento, inclui o Diário de Espártaco M. É que Lamartine dizia receber por telepatia o Diário do pai que era contado aos internos, com muito sucesso. Da narrativa oral, passaram à leitura da publicação dos trechos do Diário no jornal dos internos. Portanto, Lamartine assumiu a voz do pai e passou a fazer a transcrição do Diário telepático. Na segunda parte, em que a voz narrativa é de Espártaco, podemos (e creio que devemos) considerar que o Diário que estamos lendo é um sucedâneo do real Diário do pai, Diário “real” dentro da ficção, queremos dizer.

Mas Carlos Sússekind, o autor, não quer ser confundido com o indivíduo Carlos Sússekind de Mendonça Filho, cujo pai manteve um Diário por muitos anos. Na 4ª. capa da edição da Companhia das Letras, de 1998, temos: “Redigidos ao longo de trinta anos, tais diários originalmente possuíam 30 mil páginas. Um pouco do que restou delas está nesta narrativa extraordinária.” Sabe-se, portanto, que o referido diário existe. Aliás, testemunhas estiveram em casa do autor ou ouviram-no, por exemplo, em duas entrevistas no curso de Pós Graduação da Puc-Rio, viram alguns desses volumes manuscritos, leram fragmentos selecionados por ele em cópia

¹ 1ª. edição: Rio: Labor, 1975. O livro teve duas reedições: São Paulo: Brasiliense, 1991 e São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

² Sérgio Barcellos. Rio: Editora Velocípede, 2006.

datilografada distribuída na ocasião. Isso confunde ainda mais o pesquisador preocupado em estabelecer limites entre ficção e realidade. Ainda nessa 4ª. capa, Carlos Sussekind, filho é caracterizado como “um amável mentiroso que adora capturar leitores” e essa captura é estabelecida no fato de estarmos numa armadilha tentando distinguir “entre fato e ficção”, justamente a distinção que o ficcionista é incapaz de fazer. De toda forma, existindo ou não o Diário do pai, este nos foi apresentado sob a forma ficcional já que foram criados personagens: Carlos & Carlos Sussekind tornam-se Espártaco e Lamartine.

O Diário de Espártaco que lemos na maior parte do volume da edição de 1998 está dividido em três partes, simplesmente numeradas 1, 2 e 3, e dele não constam as indicações de datas, usuais num Diário. As mudanças temporais são indicadas por espaços maiores entre os parágrafos. Como dissemos, a saída de casa do filho está no centro das preocupações, mas são apresentados tantos problemas e detalhes domésticos que perturbam a paz desse pai tão zeloso da harmonia familiar... Há a questão religiosa (ele é ateu, a filha protestante e o filho católico), há os problemas de dinheiro que perturbam a família, estando o pai sempre à espera de um aumento que não vem, a distribuição de espaço da casa que o confina à Varandola-Gabinete do título, onde Espártaco se refugia tanto para escrever o Diário quanto para examinar os processos, pois é promotor de justiça. São registrados ainda os acontecimentos políticos nesse período posterior ao suicídio de Getúlio, as intervenções de Carlos Lacerda e a preparação da campanha eleitoral de Juscelino, há o Congresso Eucarístico realizado no Rio, além de comentários sobre política internacional. Além disso, há a preocupação constante com o próprio estado de saúde, os remédios que toma a conselho de parentes e amigos, as reações físicas que tem com determinados itens de sua alimentação diária. São consignados também todos os filmes assistidos pelo pai e pela mãe, um dos grandes programas da família. A preocupação com o surto do filho e sua conseqüente internação está presente, é claro, mas demonstra bem o quanto Lamartine está reduzido e tolhido pelas opiniões do pai, o que justificaria sua tentativa de saída de casa e sua posterior alucinação achando ser Jesus Cristo. Mas é o leitor que deve ler isso, pois de Lamartine só temos poemas que, como é anunciado na primeira parte, foram integrados ao Diário e comentados: “Balada do Crucificado”, “Balada do cego vizinho”, “Balada da suave cavalgada”, além de duas cartas datadas do período em que se alistara na Marinha e fez uma viagem ao Nordeste brasileiro. Essa dependência física e emocional do filho em relação à família nos é mostrada nesse Diário que, por sua vez, nos apresenta as obsessões do pai.

A maior osmose parece-nos estar no fato de Lamartine dizer no sanatório que capta por telepatia o Diário do pai. À p. 233, conta-nos Espártaco, baseado no que lhe foi relatado por um interno que se diz amigo do filho:

Virou, inclusive, uma espécie de praxe, depois do jantar, Lamartine contar-lhes como é o Diário. O número de volumes já escritos, o número de prateleiras que ocupam nas estantes, quantas vezes por dia eu me sento para escrever, as dimensões da varandola-gabinete (1,15m X 1,60m, segundo ele; dei-me ao trabalho de conferir e era isso mesmo!).

São apresentadas, a seguir, maiores precisões:

No início, também, meu filho fazia de conta que estava captando por telepatia certas coisas que ‘naquele momento mesmo’ eu estava escrevendo sobre ele, sobre o Sanatório e inclusive sobre eles próprios (...), mas a idéia de estar invadindo assim minha intimidade foi deixando o pessoal com remorsos, até que um dia Lamartine teve que dizer que era tudo invenção sua – e aí um deles (...) pediu a Lamartine que passasse a colaborar no seu jornal, O Ataque, escrevendo todos os dias uma página ‘inventada’ do meu Diário. (p. 234)

Mas tudo isso já havia sido apresentado pelo narrador da 1ª. parte, o Ilustrador. Precisamos enfatizar a presença nestas citações da “telepatia”, capaz de captar o que está sendo feito pelo pai

(além de o leitor do Diário ser uma espécie de *voyeur*, também, neste caso, Lamartine é, por meio da telepatia, um *voyeur* das ações do pai-diarista). Há, em seguida, a ratificação de que tudo não passava de invenção de Lamartine, mas, mesmo assim, essa invenção tem leitores interessados, já que as páginas do Diário acabam tomando quase que todo o espaço do Jornal dos internos. Real ou inventado, um Diário sempre desperta interesse: é o que parece nos dizer o texto.

E quem pode dizer que o Diário que vamos lendo não é esse Diário telepático, primeiramente transcrito no jornal *O Ataque* e agora apresentado em livro? Lamartine teria perdido toda a identidade, assimilado à palavra paterna do Diário. Assim estaria Lamartine preso na armadilha representada pela leitura que faz do Diário e ficaria justificada a autoria Carlos & Carlos Süsskind. Cabe ao leitor chegar, ou não, a essa conclusão.

O fato de Espártaco ter dado o nome de Lamartine ao filho é admitido como sendo uma referência ao poeta romântico francês (1790-1869), tendo em vista a epígrafe. Um estudo de Friedrich Frosch, da Universidade de Viena, chega a encontrar um paralelismo de versos do poema “Le désert ou l’immatérialité de Dieu” do francês com os fatos que motivaram o internamento de Lamartine no Sanatório Três Cruzes do Rio³. Pensando bem, Lamartine também é um prenome adotado no Brasil, haja vista o compositor Lamartine Babo e outros exemplos que podem ser facilmente encontrados. Mas vale observar que o nome completo do poeta francês é Alphonse de Lamartine sendo, portanto, Lamartine o sobrenome com o qual o poeta é referido nas histórias da literatura francesa. Atribuir um nome conhecido, pois o autor do poema “Le Lac” o é no Brasil, talvez, além de indicar a preferência de Carlos Süsskind pela herança francesa, pode indicar também uma alusão à obra *Le manuscrit de ma mère*, de 1871, publicado, portanto, após a morte do poeta, transcrição e adaptação de partes do Diário íntimo de Mme. de Lamartine.

Vejamos como se compõe o texto do Lamartine “legítimo”: trata-se de um dos vários escritos em prosa do francês que, nos últimos 20 anos de sua vida, se vê abandonado e necessitado de prover sua subsistência. Publica então *Confidences* (1849) e inúmeras compilações históricas. E publica também esse texto de 322 páginas precedido de um “Avertissement” datado de 1858⁴. Imagina-se então que vamos entrar em contato com o Diário da mãe, mas já o subtítulo anuncia comentários, prólogo e epílogo de A. de Lamartine. Assim, até a p. 55 o poeta descreve os locais em que passou a infância, conta a vida da mãe e de sua família. Diz então que o Diário da mãe começa em 11 de junho de 1801 (portanto, quando L. tem 11 anos, e mais 4 irmãs) e transcreve a página inicial. O Diário termina em 1829, com a morte da diarista em um acidente doméstico. À p. 59, Lamartine intervém para descrever a “petite maison de Milly”, retomando o que escreveu em *Confidences*, “Milly ou la terre natale”, e acrescentando um longo poema sobre o mesmo tema. O Diário da mãe é retomado à p. 79. Mas todas as transcrições são entremeadas por comentários, bem como por explicações do filho sobre as razões que o obrigaram a suprimir certos trechos em que a mãe fala da vida doméstica e da preocupação com os filhos. A parte final dos trechos selecionados está centrada na figura de Alphonse e termina à p. 284. A partir daí encontra-se um texto do filho e da p. 293 a 322, Lamartine conta como soube da morte acidental da mãe e faz considerações sobre esse Diário.

Até então a atuação de Lamartine é a de um jovem herdeiro de uma família de origem nobre, empobrecida com a Revolução e posta de lado com o advento de Napoleão. Conservadora e partidária da realeza, a mãe bem como o filho são católicos fervorosos. Só posteriormente é que Lamartine vai participar da política durante a Monarquia de Julho como deputado eleito. Ao candidatar-se à presidência da República em 1848 é vencido por Louis Napoléon Bonaparte que,

³ Friedrich Frosch, “Palhaços, estilhaços: a ficção-labirinto segundo Carlos Süsskind” in Adobati, Chantal et alii (org.), *Wenn Ränder Mitte werden. Zivilisation, Literatur und Sprache im interkulturellen Kontext*. Viena, WUV – Universitätsverlag, 2001, p. 668.

⁴ Na Biblioteca de Letras da USP encontramos dois exemplares de *Le manuscrit de ma mère*: Paris: Hachette, 1931 e Paris: A. Nicolas, 1946.

com o golpe de 1851, vai se tornar Napoleão III, no Segundo Império francês que durou até 1870. Isso justifica o ostracismo em que se vê Lamartine nos 20 últimos anos de sua vida, lutando com dificuldades pecuniárias para se manter e compondo obras de divulgação.

Existem ainda na França os originais das 12 cadernetas que constituem o Diário íntimo da mãe de Lamartine, conservados na Biblioteca Municipal de Lyon. Há um estudo de Henri Guillemin, de 1942⁵, em que o autor, no primeiro capítulo, trata de “Le véritable *Manuscrit de ma mère*”, ou seja, aponta com muitos detalhes como o autor se apropria do texto do Diário íntimo de Mme. Lamartine. Ao consultar os originais manuscritos do livro que se encontram na Academie de Mâcon, observa que há partes em branco, depois do anúncio de uma citação do Diário. Consulta o manuscrito de Lyon e constata que Lamartine recortou e colou nas páginas de seu próprio manuscrito os fragmentos retirados dos cadernos originais. O que ocorreu foi que, posteriormente, alguém não identificado tentou recompor os originais da mãe, mas não conseguiu fazê-lo completamente, pois algumas páginas avulsas foram arrancadas e mesmo determinado grupo de folhas desapareceu. Há também contradições: quando da viagem da mãe a Paris em 1820, para encontrar Lamartine doente, primeiro o poeta diz que a mãe interrompeu o Diário nessa época e mais adiante afirma não reproduzir essa parte, pois são coisas muito íntimas para serem citadas. Segundo Guillemin, nesse trecho do Diário, a mãe relata que Lamartine, sentindo-se à beira da morte, prometeu nunca abandonar o catolicismo e o crítico comenta que a promessa só será mantida até 1832.

Mesmo aquelas citações apresentadas como autênticas não podem ser lidas como tal, pois Lamartine refaz os trechos a sua maneira. Guillemin dá o exemplo da supressão de uma palavra no texto da mãe que modifica totalmente o sentido: trata-se da ocupação austríaca de Mâcon. Diz ela em 17 de março de 1814: “Il y a toujours beaucoup de troupes ici; nous sommes accablés de gens à nourrir; nous avons un général dans la maison voisine...” Lamartine suprime o “voisine” e o general austríaco está alojado em casa dos Lamartine, quando, na verdade, eles se contentaram em alimentar os subalternos do general. Em outros trechos, suprime referências que não seriam oportunas, substitui palavras e expressões que evidentemente tornam o texto mais legível, livre de determinadas afirmações meio ingênuas. Guillemin admite que a publicação do Diário integralmente não tenha grande interesse para o grande público, pois contém muitas observações repetidas, muitas preocupações de mãe de família e católica fervorosa, mas a seguir transcreve uma seleção de trechos. Agora é ele que faz essa seleção. E lá vai mais um exemplo das interferências de Lamartine. Em agosto de 1818, no *Manuscrit* temos: “On dirait qu’il est abattu par quelque chagrin secret... Il faut qu’il ait perdu, par la mort ou autrement, je ne sais quel objet qui cause sa mélancolie si profonde”⁶. A leitura do trecho vai permitir que o crítico Camille Latreille diga em seu livro sobre a mãe de Lamartine que esta adivinhou o que se passava com o filho que vira o objeto de seu amor morrer; só faltou dizer “o nome da pessoa amada e desaparecida”! Mas não é verdade. Eis o texto embelezado por Lamartine:

19 août 1818. Je suis arrivée à Montculot il y a précisément dix jours... J’ai trouvé mon pauvre Alphonse bien maigre, bien triste. Je suis vraiment désolée. Depuis que je suis ici, j’ai eu beaucoup de chagrin. Il désire si fort se marier! Je le désire si fort aussi dans la croyance qu’il serait mieux portant, étant plus heureux, que je fais tout au monde pour décider ses oncles et tantes.⁷

⁵ *Connaissance de Lamartine*. Fribourg: Librairie de l’Université, 1942. Encontra-se na Biblioteca da FAU-Rua Maranhão um exemplar desse livro.

⁶ “Diríamos que ele está tomado por algum mal secreto... É preciso que ele tenha perdido, pela morte ou por outra forma qualquer, não sei qual objeto que lhe causa uma melancolia tão profunda”, p. 201.

⁷ “Cheguei a Montculor há exatamente 10 dias... Encontrei o coitado do meu Alphonse bem magro, bem triste. Estou de fato penalizada. Desde que estou aqui, tenho tido muito sofrimento. Ele quer tanto se casar! Eu também desejo tanto isso acreditando que, estando mais feliz, ele ficaria melhor, que faço de tudo para que seus tios e tias tomem essa decisão.”

E Guillemin comenta que talvez só em 1819, com a publicação das *Méditations*, é que Mme. Lamartine deve ter se perguntado quem deveria ser essa Elvire mencionada nos poemas. Mas, conclui ele, será que ela algum dia falou com o filho sobre esse assunto?

Enfim, como dissemos, mesmo o *Manuscrit de ma mère* não foi publicado logo depois de pronto, em razão de restrições por parte da família. Ele só o será dois anos depois da morte de Lamartine, ou seja, em 1871, pela sobrinha do autor.

Passemos agora ao Diário de Espártaco M. Nesse caso, não se trata da mãe, mas do pai que é o autor do Diário, o que vale uma observação, pois em geral são as mulheres que se ocupam do registro das atividades e das reflexões sobre o que vai acontecendo em suas vidas. É claro que há exemplos de autores masculinos, mas, se quisermos estabelecer um diálogo com o Diário da mãe do Lamartine francês, esse é um aspecto que podemos considerar como irônico. Como o poeta francês, Lamartine utiliza o Diário, no caso, o do pai, para distrair os internos do Sanatório e quando escreve, o faz “inventando”, como já vimos. Por que não podemos então ler o Diário da varandolagabinete como uma compilação do que vai interessar ao autor do romance? Em primeiro lugar, é feita uma seleção e esse Diário restringe-se aos acontecimentos de 1954-55 que se relacionam diretamente com a crise por que passa Lamartine, sua saída de casa, seu surto, sua posterior internação e sua volta ao lar paterno. Os diferentes registros do pai não são apresentados com as datas que são inferidas pelo leitor. Como a mãe de Lamartine, o pai diarista registra os mínimos detalhes da vida da Casa, os problemas domésticos com a falta de dinheiro, os gastos abusivos de Lamartine com a casa em que mora com os amigos, sendo ele o único que dispõe de uma bolsa da Capes para estudar filosofia e um contrato de pesquisa com o Instituto de Documentação.

Outro aspecto relevante parece-me o fato bastante enfatizado de Lamartine ser católico e discutir acaloradamente com a irmã protestante, caso seja posta em questão sua opção religiosa. Observando bem, é um aspecto um pouco surpreendente essa preocupação religiosa. Como Lamartine, as “baladas” do brasileiro são de cunho religioso e, segundo o ilustrador que as menciona na primeira parte e a noiva Cléo na segunda, foram compostas às vésperas de o internarem. São transcritas no Diário de Espártaco: “Balada do crucificado”, “Balada do cego vizinho” (p. 217-19), “Queixa-se o demônio (vestido de anjo): o amor lhe é incompreensível” e “Balada da suave cavalgada” (p. 239-41). Poderíamos então considerar também há aqui uma inversão já que é o pai que critica essa opção religiosa e é ele que está mais próximo de uma postura de esquerda, mas, para não irritar o filho, promete a si mesmo que não vai mais abordar com ele esse assunto.

No caso de Mme. Lamartine, seu Diário⁸ foi publicado na íntegra, em 2 vol., em 1983 e 1989. Mas, como vimos, antes disso, em 1942, já foi feito um estudo comparativo com o livro do filho. No caso de Sussekind, não temos o Diário do pai para que possa ser feita a avaliação do quanto foi adaptado pelo filho. Há uma perspectiva de acesso ao famoso Diário na segunda parte do segundo livro de Carlos Sussekind, *Que pensam vocês que ele fez*, na qual o leitor pensa que irá ler afinal a transcrição de uma parte, mas o que encontra é uma carta assinada pelo presidente da Fundação encarregada da publicação, dizendo que decidiram não publicar as “mais de 400 páginas extraídas do Diário de Espártaco”. “Decidimos adiar a publicação (...) a ser feita ‘com calma e quando possível’ em separado do presente volume” (p. 252). Mas fica sempre para o leitor essa vontade de conferir e constatar o que é fato e o que é ficção.

Como anuncia o próprio Carlos Sussekind e Sérgio Barcellos apresenta em nota em seu livro, há um projeto de transcrição do Diário que ficaria conservado no Instituto Moreira Salles. Para tanto o autor, em 2003, para comemorar seu aniversário de 70 anos, distribuiu entre os convidados envelopes contendo páginas datilografadas do Diário do pai para serem digitadas e

⁸ *Le Journal de Mme. de Lamartine*, présenté et annoté par Michel Domange. Lettres Modernes Minard, 2 v., 1982-1989.

futuramente disponibilizadas para o público. Sempre me pergunto em que medida, se o autor mente muito, esses trechos datilografados também já não serão o resultado de uma releitura do filho.

Como diz Alan Girard em seu *Le Journal intime*⁹, Lamartine ao reformar o Diário da mãe tornou-o literário e legível, pois em geral o texto integral apresenta muitas repetições, muitos detalhes insignificantes, muitas preocupações sem importância que tornam o texto monótono. Considera assim que o procedimento de Lamartine filho só tornou mais acessível a leitura do Diário da mãe.

Quanto a Carlos Sussekind, se considerarmos que, a partir do diário do pai, ele compõe romances, por se tratar de ficção, a existência ou não do Diário concreto é um aspecto que não nos parece dos mais relevantes. Vemos que talvez o intertexto lamartiniano só o incentive a reler o Diário do pai, a falar dele mesmo a partir do Diário do pai e, ao elaborar as estratégias da sua narração, a relativizar os fatos.

Quanto o leitor, a armadilha da ficção, ao instaurar para ele a dúvida quanto à veracidade dos fatos, deixa-lhe o prazer da leitura de uma recriação literária extremamente bem sucedida.

⁹ *Le Journal intime*, Paris: PUF, 1963.